

# ideias &

**O VALE**

DIRETOR RESPONSÁVEL **FERNANDO SALERNO**  
EDITOR-CHEFE **HÉLCIO COSTA**

EDITORA-EXECUTIVA **SHEILA FARIA**  
CHEFE DE REPORTAGEM **MARCOS MEIRELLES**

**CIRCULAÇÃO**  
Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira, Litoral Norte de São Paulo e no Sul de Minas Gerais

**ENDEREÇO**  
Rua Santa Clara, 417 - Vila Adyanna  
São José dos Campos - SP - CEP 12243-630  
TEL. (12) 3909-3909 - Fax (12) 3909-3910

## EDITORIAL

### STF e marajás

DECISÃO DE MINISTRO RETOMA O PAGAMENTO DE SUPERSALÁRIOS

A liminar do ministro Marco Aurélio Mello determinando a retomada do pagamento dos supersalários do Congresso Nacional é apenas mais uma das decisões monocráticas da Supremo Tribunal Federal que, em nome da dúvida, acabam se tornando um tributo à imoralidade.

O exemplo mais notório foi o habeas corpus concedido por Gilmar Mendes ao médico Roger Abdelmassih, condenado a 278 anos de cadeia por ter estuprado 37 mulheres. Libertado por Mendes, o estuproador está foragido desde 2012.

No caso dos supersalários do Congresso, segundo o Tribunal de Contas da União, o prejuízo aos cofres públicos soma R\$ 517 milhões apenas na Câmara dos Deputados. São 1.827 servidores que recebem acima do teto constitucional de R\$ 29,4 mil, sendo 786 ativos e 1.041 inativos.

Para atender o pedido do Sindicato dos Servidores do Legislativo, o ministro Marco Aurélio considerou que os servidores não foram ouvidos sobre a decisão de suspender o pagamento dos supersalários, o que contraria o princípio do contraditório estabelecido pela Constituição Federal. Já o sindicato argumentou que o teto para os salários é matéria constitucional controversa, que não pode ser objeto de determinações do TCU.

Para que sejam respeitadas todas as formalidades jurídicas, ficou estabelecido, então, que a Câmara e o Senado continuarão a pagar indefinidamente salários dos marajás do Legislativo. E, enquanto Corte constitucional, o que o Supremo pretende fazer para que as dúvidas em torno do teto salarial do funcionalismo público sejam dirimidas e a regra passe a ser respeitada? Provavelmente nada, pois o Judiciário também está coalhado de casos de salários acima do teto constitucional.

As decisões monocráticas polêmicas do STF são consequência dos casuísmos da legislação brasileira. Não se pode dizer que um ministro contrariou a lei, muito pelo contrário. Mas a lei, nestes casos, não está a serviço da sociedade.

**Simone Castro**  
Procuradora da Fazenda Nacional

### Fluxo do consumo

Guy Debord, filósofo francês morto em 1994, ao analisar a sociedade contemporânea, dizia que não vivemos o mundo, mas as imagens que representam o mundo vivido.

Nesse mundo de representação, em que a imagem é supervalorizada, mais importante do que ser ou ter, é parecer. E somos bombardeados dia e noite com propagandas que nos sugerem como parecer mais interessante. Convencidos em atender às expectativas, moldamos nossa imagem consumindo. São variadas as opções, mas a escolha é inexorável. Uma escolha que sempre atualizamos nos centros de consumo para nos mantermos modernos, por isso somos ao mesmo tempo consumidores e consumíveis.

O consumo é a mola propulsora do sistema. A abundância de bens lançados no mercado precisa ser escoada. Daí porque são elogiáveis as políticas do governo federal que inten-

tam incentivar o consumo, especialmente com a inclusão de massa até então despossuída. Bolsa família, Minha Casa Minha Vida são exemplos de programas que, a par de terem foco social, são importantíssimos do ponto de vista econômico à medida que incentivam o consumo e, desta forma, garantem a sobrevivência do sistema.

A discussão ocorrida na entrevista da empresária Luiza Helena Trajano, do Magazine Luiza, no programa Manhattan Connection, da GloboNews, no dia 19 de janeiro, que tanto repercutiu nas redes sociais e imprensa, dá dimensão da importância das políticas de inclusão para a economia. Como ressaltou Luiza, milhões de brasileiros atendidos pelos programas do governo federal estão movimentando a economia consumindo toda sorte de produtos e, o mais importante, constituem um nicho novo e pronto para ser explorado. Consumo é a palavra de ordem também para aqueles que aca-

baram de chegar ao mercado.

A nova classe média, trazida da periferia para os centros de compra, também molda sua imagem pelo consumo e, por isso, sai do espaço restrito a que lhe foi destinado "naturalmente" para desbravar novos, onde possa aparecer e consumir. E surge por consequência uma nova disputa. A disputa pelos espaços entre a nova e a tradicional classe média.

Por trás dessa disputa desvela-se o preconceito forjado pela sociedade do espetáculo e do consumo: o consumo que nos identifica também nos diferencia de outros grupos. A defesa do espaço equivale a defesa da identidade. Focados no EU somos incapazes de compartilhar e de ter empatia.

A disputa revela, então, as contradições do sistema: ao mesmo tempo que pesquisas recentes indicam que a classe ascendente consome mais do que as classes A e B juntas, há uma clara tentativa de dificultar o acesso da periferia aos

centros nobres, justamente porque a garantia do consumo sempre esteve atrelada à imagem que os centros de compra construíram de exclusividade. Há uma ideia equivocada de que a manutenção do sistema só será possível enquanto se perpetuar a segregação, razão pela qual passamos a defender iniciativas de investimento de lazer nas regiões periféricas.

São bem-vindas as iniciativas para tornar a cidade melhor. Mas o fundamento não pode ser o preconceito, e sim o reconhecimento de que a cidade é de todos. Isso significa reconhecer o direito de todos acessarem os espaços sem constrangimentos. O que todos desejam, indiscriminadamente, é ser visto nos shoppings, no "fluxo do luxo". Afinal, somos a sociedade do espetáculo.

Bom seria se vencêssemos a necessidade de nos forjarmos a partir de nosso consumo para nos construirmos pelo que efetivamente somos. Certamente a felicidade está aí.

**Felipe Aquino**

Professor de física e matemática e apresentador do programa "Escola da Fé" da TV Canção Nova

### Tratar cada um como irmão

O fundamento da moral cristã está descrito nas seguintes palavras do Papa em sua mensagem de Paz deste ano: "A fraternidade leva-nos a ver e tratar cada pessoa como verdadeira irmã e um verdadeiro irmão".

Mas, hoje, muitas contradições ferem a fraternidade no mundo, como o tráfico humano e o trabalho escravo. No caso do tráfico humano, sofrem, sobretudo as mulheres, quase sempre crianças, pobres, que, enganadas, acalen-

tam o sonho de uma vida melhor em outro país, alimentando a prostituição.

De acordo com a ONU, o tráfico de pessoas para exploração sexual é a terceira maior fonte de renda ilegal no mundo. Por ano, quase um milhão de pessoas são traficadas, das quais 98% são mulheres. O Brasil lidera o vergonhoso ranking dos maiores exportadores de mulheres, com 85 mil vítimas.

Daí o tema da Campanha da Fraternidade de 2014. Além do tráfico humano há o caso da "imigração clandestina". As leis

atuais não são suficientes para vencer esse crime porque é preciso que sejam atacadas suas bases: a persistência, nos países de origem, de situações estruturais de pobreza e a dificuldade legal para migrar. Por outro lado é necessário combater as demandas de trabalho a baixo custo e de prestações sexuais nos países de destino.

Outra chaga é o "trabalho escravo", onde crianças são colocadas ilegalmente no mundo do trabalho, ao invés de estudar. Há também trabalhadores que se submetem a um "em-

prego" com pagamento suficiente para aplacar a fome. É a continuação disfarçada da antiga escravidão negra.

Ainda estamos longe de viver o que Cristo nos ensinou: "amai-vos uns aos outros"; "amar o próximo como a si mesmo". Somente quando os homens entenderem que somos filhos do mesmo Pai, e todos irmãos, é que haverá paz. Somente quando a luz da fé brilhar no coração humano é que poderemos criar um mundo onde o homem não precise mais implorar por direitos humanos.

### A FRASE



*"Há uma mentalidade do aparelho de Estado que se posiciona claramente contra tudo que é insurgência e reivindicação de direito"*

**GILBERTO CARVALHO**  
SECRETARIA-GERAL DA PRESIDÊNCIA



**Amanhã.** O Museu do Amanhã, que funcionará no Rio em 2015, tem desde ontem sala de visitação com vídeos e aplicativos sobre os impactos das atitudes do homem em relação ao meio ambiente

### CARTADOLEITOR

#### Avenida Anchieta

Prezada Sheila Faria, sobre seu artigo na edição do último domingo, eu cheguei a ir algumas vezes na "Rua do Pôr do sol" em 1986, 1987, 1988. Não tinha baderna não. Aquela era uma outra época. Havia muito mais respeito e ainda era possível se locomover pela cidade de carona.

Eu morava na Zona Norte, no Jardim Telespark. Uma vez testamos luneta que meu irmão havia comprado. Era uma tarde de domingo. Subimos o morro até ao sopé de uma torre de rádio que ainda existe por lá, no Jd Telespark. Apontamos a luneta para a

Av. Anchieta. Dava pra ver certinho as pessoas andando, conversando. Um homem abria porta do carro, certamente para deixar o "som" de seu carro sair e se sentava naquela mureta da calçada antes do gramado.

Não sei porque, mas quando li o que você escreveu, essa foi a imagem que, primeiramente, evoquei, daquela época sadia, mais simples, mais humana, daquela tarde bucólica, que ficou gravada em minha mente como um instantâneo fotográfico.

**HENRIQUE SCARPA**  
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

#### Rolezinhos

Professora Kátia Medeiros, so-

bre seu artigo no domingo, por quê será que os governantes, administradores e a sociedade em si não aprendem com a história? É tão difícil assim? Por que continuam tratando a juventude como problema e não como protagonista de mudanças?

Aqui em Jacaré acontece já faz tempo o tal do "Fluxo", encontro de jovens e adolescentes na porta do shopping, e por diversas vezes foram tratados com bombas e cassetetes. Qual o problema da periferia se encontrar no centro da cidade, nos espaços de consumo e de lazer? Consumir individualmente pode e coletivamente não? Já faz tempo eu vi você na rua,

eu também estava lá, meus pais estiveram. E assim acontece nas cidades pequenas e nas grandes.

**LUÍZ ANDRÉ MORESI**  
JACARÉ

#### Kits escolares 1

Eu não sei porque ficam fazendo denúncias sobre os kits escolares. Para mim, esse é o maior avanço que a Prefeitura de São José fez na Educação nos últimos 20 anos. Quando fiz o ensino fundamental, entre 1995 e 2002, minha mãe que sempre me sustentou teve que pagar pelos materiais escolares e sempre eram muito caros e nem poderia melhorar mais a minha

educação. Eu dou parabéns à prefeitura pela iniciativa.

**WILLIAM REZENDE**  
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

#### Kits escolares 2

Qualquer ação afirmativa no sentido de diminuir a desigualdade social deve ser encarada como legítima e louvável, porque vivemos em um sistema que exclui uma boa parcela da população, mas o cuidado e a clareza para que não se torne um cabresto eleitoral caminha na mesma via, cabendo a cada cidadão uma consulta ao kit propaganda política, não disponível nos órgãos públicos, para avaliar se está ocorrendo essa

tentativa de manipulação. No caso específico do material escolar, como investimento público, seria mais coerente se fosse feita uma pesquisa para saber quem realmente necessita, para assim não cometer injustiça com quem paga a conta deste benefício.

**MARCOS CUCA**  
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

As opiniões emitidas pelos colunistas e leitores, são de responsabilidade deles próprios, e não traduzem o posicionamento do **O VALE**

AS CARTAS DEVEM CONTER IDENTIFICAÇÃO, TELEFONE E ENDEREÇO. AS CARTAS PODERÃO SER RESUMIDAS PELA REDAÇÃO

Rua Santa Clara, 417 - Vila Adyanna  
CEP 12243 630 - S. José dos Campos

redacao@Ovale.com.br

Fax (12) 3909-3909